

“O PRINCÍPIO DA RAZÃO DURANTE”: (Re) Leituras sobre Frankfurt e os “Novos Alemães” na Odisseia Intelectual de Ciro Marcondes Filho

André EDUARDO¹¹⁶

Resumo do livro:

O princípio da razão durante: Da Escola de Frankfurt à crítica alemã contemporânea: nova teoria da comunicação III: tomo II / Ciro Marcondes Filho. São Paulo: Paulus, 2011. (coleção Comunicação).

Ao iniciar seu “Princípio da razão durante”, difícil afirmar se Ciro Marcondes Filho tinha em mente as dimensões quase épicas deste amplo e abrangente projeto intelectual, que o tem ocupado há anos e tem rendido valiosas contribuições para o campo da pesquisa em comunicação. E não só para a comunicação, mas também tem trazido ótimas reflexões sobre o pensamento filosófico do século XX e demais campos afins, como a psicanálise ou a antropologia. De formação marcadamente frankfurtiana, Marcondes Filho concentra em sua recente obra uma tentativa de avaliar histórica e criticamente os principais expoentes da Escola de Frankfurt, bem como realizar um apanhado sobre o pensamento crítico alemão contemporâneo.

Em “O princípio da razão durante” – no tomo II da “nova teoria da comunicação III”, temos mais uma etapa dessa autêntica “odisseia” intelectual, com a devida ênfase ao pensamento frankfurtiano e à “teoria crítica”. Com o subtítulo de “Da Escola de Frankfurt à

¹¹⁶ Mestrando do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Bauru (SP), desenvolve pesquisa sobre o romance-reportagem brasileiro nos anos de 1970 e suas afinidades com o cinema da época.
Contato: agpe13@yahoo.com.br

crítica alemã contemporânea”, nesta etapa de seu projeto, Marcondes Filho procura estruturar e explicar os fundamentos básicos, bem como os mais consistentes, de pensadores notáveis e notórios, de apresentação provavelmente dispensável: Adorno, Horkheimer, Benjamin, Habermas. Se todos já ouvimos falar deles, teremos na obra de Marcondes um ótimo roteiro, e mais que isso, um trabalho importante e original dada a notável capacidade de síntese do autor, que coloca imensa variedade de pensadores – todos sob a égide de Frankfurt ou de suas “consequências” – em cerca de trezentas páginas, de leitura prazerosa, num estilo despido de entraves, objetivo, como bons exemplos de citações dos autores aqui apresentados e analisados.

Para além das “estrelas filosóficas” citadas, há um aspecto fundamental da obra em que se destaca: a capacidade de um posicionamento histórico, bem como a de situar o contexto e a genealogia intelectual dos autores representados. E mais que isso, dar os créditos devidos a pensadores não tão lembrados. É caso da importante lembrança de Ernst Bloch, nos primórdios dos estudos que seriam decisivos para a “teoria crítica”; assim como a importância de Siegfried Kracauer, frequentemente deixado quase que à margem da lembrança dos maiores nomes frankfurtianos – e muito associado apenas à crítica de cinema, mas ainda sem o reconhecimento devido em outros campos. Ou a devida justiça ao nome de Lukács, num entendimento em perspectiva da “teoria crítica”, por ter sido, segundo Marcondes, o primeiro a problematizar a questão da cultura no cerne do pensamento marxista, trabalho este de influência imensa num contexto posterior; não um pensador pertencente à “Escola”, mas uma notável e original contribuição para os que depois viriam.

Erich Fromm, Marcuse e outros também têm seu espaço. Mas há outro especial interesse do autor em sua pesquisa: aquilo que circunda o universo frankfurtiano, para além dos filósofos que comumente associamos “a casa Frankfurt”, e mais íntimos que influências impactantes como as do pensamento marxista e hegeliano, tal como da psicanálise (sobretudo de Freud) e de autores diversos influentes, como Friedrich Nietzsche. É o caso da Ludwig Klages, pensador do início do século XX, cujas afinidades com o pensamento de Benjamin se fariam sentir décadas depois. O tão famoso conceito de “aura”, que Benjamin

usaria para expor suas teorias acerca da arte e dos processos estéticos de seu tempo, segundo Marcondes, têm enorme dívida com o precursor Klages.

Assim, temos uma espécie de “revisão sintética” da Escola de Frankfurt tal qual entendemos uma galáxia, e além dos enormes planetas, temos seus satélites, suas luas, as estrelas e constelações. Ao autor interessa esclarecer através da soma. Assim, “orbitando” nessa galáxia, encontramos nomes como o de Günther Anders, importante figura intelectual dos anos de 1920, num período “pré-Frankfurt”, talvez não tanto afeito à famosa “Escola”, mas sem dúvida dono de originalidade própria e pertencente a um contexto de interdiálogo intelectual. Seus estudos e reflexões, por exemplo, acerca da tecnologia, das imagens, dos novos veículos de comunicação, parecem ora ecoar certos escritos de Adorno ou Benjamin.

No caso específico de Anders, surgem algumas curiosidades, como algumas colocações suas que apareceriam consagradas em textos de outros autores; antes de Umberto Eco, conta-nos Ciro Marcondes Filho, Anders havia afirmado que “a televisão é a própria realidade”. Mas talvez sua assertiva mais profética, ainda que certamente sem a devida teorização, era de que o “meio era a mensagem”, doze anos de McLuhan trazer este famoso enunciado. Anders refere-se à ideia de “analfabetismo pós-literário”, ao refletir sobre a fotografia a televisão, sendo de certa forma precursor do pensamento crítico recente acerca do poder da imagem numa sociedade supersaturada, pelos computadores e a internet, pelos celulares, pela fotografia digital e a propaganda maciça em cada recanto.

Daí, parte Marcondes para o que chama de “nova crítica alemã” – com certo grau de liberdade, diríamos os “novos alemães”, com destaque para o nome de Villem Flusser, bastante conhecido pela intelectualidade brasileira – Flusser, alemão de criação, nascido na antiga Tchecoslováquia, naturalizou-se brasileiro ao fugir do regime nazista. No trabalho de Marcondes, seu pensamento ocupa amplas e merecidas páginas, sob diversos aspectos de sua obra, novamente, não como um “frankfurtiano”, mas como outro autor importante que está em franco diálogo com a notória “Escola”. Também dentro da “nova crítica”, encontram-se os nomes de Friedrich Kittler e Dietmar Kamper – dois autores que colocam questões essenciais sobre nosso tempo e nossa relação com o “ciberuniverso”. Assim,

Marcondes fecha este trabalho trazendo importante explicação sobre as maneiras de se pensar a Escola de Frankfurt em tempos em que a Internet passa a ser o foco central das discussões sobre comunicação.

Didático em larga medida, e sem excessos apesar de longo, com estilo equilibrado e bastante útil a quem procura entender não apenas o histórico da “Escola”, como suas origens, autores próximos e seus ecos recentes: assim é este “Da Escola de Frankfurt à crítica alemã contemporânea” do “Princípio da razão durante”, afeito a um público de interesse específico, mas sem se distanciar de um público leigo, num notável esforço de síntese de um autor cujas afinidades com o assunto vêm já de tempos e permanece vívida e pulsante. Inserida num contexto no qual o homem moderno (ou o homem afligido pelas marcas da pós-modernidade) aparece “bombardeado” por informações, este “Tomo II” é bastante eficaz como uma bússola norteadora, talvez um manual introdutório que permite certo arejamento para quem quer um mínimo de distanciamento de um mundo no qual se fala muito e nada se diz, e assim poder refletir sobre a natureza da informação que nos é imposta ou ofertada. Mais uma vez, mostra a relevância da Escola de Frankfurt, de seus autores e seu importante legado, para todo o leitor que busca entender o caos do excesso em que vivemos quase afogados; e serve, esta obra de Marcondes Filho, como aceno de que a lição dos alemães de Frankfurt e seus seguidores está longe, muito longe, de exaurida.

BIBLIOGRAFIA

MARCONDES FILHO, Ciro. *O princípio da razão durante: Da Escola de Frankfurt à crítica alemã contemporânea: nova teoria da comunicação III: tomo II*. São Paulo, Paulus: 2011 (coleção Comunicação).